

# A ANTROPOLOGIA UTÓPICA DE JOHN ZERZAN: O ANARCOPRIMITIVISMO COMO SAÍDA PARA A CRISE AMBIENTAL

Rogério Bianchi de Araújo<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo pretendo refletir sobre a proposta do anarcoprimitivismo do filósofo e escritor americano John Zerzan. A teoria de Zerzan significa uma reformulação antropológica nas formas como o humano vive além de remeter às antigas discussões sobre a condição e natureza humana. Sua proposta básica é a destruição da sociedade tecnológica e o retorno às sociedades primitivas, anárquicas e ligadas à natureza. Interpreto o pensamento radical de Zerzan como a de um utopista. É por isso mesmo que seu pensamento é provocativo e instigante porque nos incentiva a pensar outro mundo e outra realidade. Não se trata de análises conjunturais ou reflexões políticas de nossa época, mas sim de propostas efetivas que nos remetem ao não-lugar ou ao ainda-não, próprio do pensamento utópico.

**Palavras-chave:** Anarcoprimitivismo, Utopia e Civilização.

---

<sup>1</sup> Professor de Antropologia da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Pós-Doutor em Estudos sobre a Utopia na Universidade do Porto. Doutor em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia pela PUC/SP. Endereço de email: rogerbianchi@uol.com.br.

*There is change in the air. The realities that surround us, the toll of industrialism, and the growing pathology of our social and personal lives are forcing people to rethink claims of modernity, progress and enlightenment.*<sup>2</sup> John Zerzan

## INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendo refletir sobre a proposta do anarcoprimitivismo do filósofo e escritor americano John Zerzan. A teoria de Zerzan significa uma reformulação antropológica nas formas como o humano vive, além de remeter às antigas discussões sobre a condição e natureza humana.

Muitos antropólogos admitem que a nossa natureza humana, há aproximadamente dois milhões de anos, antes de estarmos submetidos às estruturas hierárquicas de poder e dominação, era marcada sobretudo pelo ócio, pela intimidade com a natureza, pela sabedoria sensual, igualdade entre sexos e boa saúde corporal. Zerzan diz que a antiga tese que primava pela “ignorância” do primitivo foi renegada e agora passamos a contemplar as nossas origens sob perspectivas muito mais positivas.

Embora seja considerado um dos pensadores mais radicais, suas teses são muito pertinentes para uma época em que a sociedade parece ter alcançado um falso apogeu com a abundância de objetos de consumo, informação e tecnologia.

Interpreto o pensamento radical de Zerzan como de um utopista. É por isso mesmo que seu pensamento é provocativo e instigante porque nos incentiva a pensar outro mundo e outra realidade. Não se trata de análises conjunturais ou reflexões políticas de nossa época, mas sim de propostas efetivas que nos remetem ao não-lugar ou ao ainda-não, próprio do pensamento utópico.

A crítica de Zerzan é tão profunda que vai para além da sociedade industrial ou da agricultura. Para ele, a aceitação da cultura simbólica, da linguagem, da arte e do número não são o apogeu do início da civilização, mas o início do declínio da humanidade, afinal a cultura, não é emancipadora, mas castradora, que impede e nos distancia da aceitação sensual da realidade e nos impossibilita de conhecermos a nós mesmos. A cultura simbólica tem no seu bojo a necessidade de transformar e dominar, por isso abre o caminho à domesticação da natureza.

---

<sup>2</sup> “Há mudança no ar. As realidades que nos cercam, o número de vítimas do industrialismo e a crescente patologia de nossas vidas sociais e pessoais estão forçando as pessoas a repensar reivindicações da modernidade, do progresso e da iluminação.”

Ele se declara como um primitivista, um termo que pode ser considerado para além de um movimento político, mas como um movimento espiritual com uma abordagem altamente anti-industrial. Diante das crises que assolam o mundo, Zerzan acredita que o movimento primitivista tende a crescer cada vez mais.

Considera isso uma necessidade diante das transformações negativas planetárias e o crescimento do cinismo em nossas sociedades. O uso absurdo de poluentes; o imperativo da tecnologia sem questionamento crítico; o aumento do número de casos de pacientes com câncer; o aumento do uso de drogas de qualquer tipo, principalmente a medicação da angústia; falsas espiritualidades que despejam vãs ilusões e não assumem a loucura de nossa época, mas antes se resignam perante os fatos; o aumento do fosso entre ricos e pobres pelo mundo; a mentira e a falsidade absurda das propagandas; o aumento da taxa de homicídios e de suicídio entre jovens; esses e muitos outros apontamentos feitos por Zerzan são creditados ao que ele chama de época pós-moderna, centrada no consumo, na tecnologia e na influência do mass-media, a ponto da própria violência tornar-se parte da diversão ou da sociedade do espetáculo.

### **AS BASES DA TEORIA DE ZERZAN**

As referências de Zerzan pertencem ao modo de vida pré-histórico. Como exemplo, podemos citar os !Kung, uma comunidade de coletores-caçadores que vivem no deserto de Calaari, entre os países de Angola, Namíbia e Botsuana. Um grupo sem líderes nem subordinados, em que todas as coisas são decididas em conjunto. Como se movimentam frequentemente por planícies e campos em busca de alimentos, eles não possuem assentamentos permanentes e também poucas posses materiais. A repartição da carne da caça é realizada de maneira equitativa e, de acordo com as pesquisas de Pinsky (2010), aquele que fez a melhor caça procura desvalorizar sua própria conquista diante de todos os membros do grupo para que não se configurasse uma superioridade em relação ou prestígio sobre os demais.

No que se refere ao pensamento antropológico suas maiores referências são os antropólogos Marshall Sahlins e Richard B. Lee. Na sua concepção, a partir de meados dos anos 1960 esses antropólogos começaram a enxergar o período da pré-história de uma maneira diferente e passaram a considerar a existência social antes da domesticação de animais e plantas. Assim, a vida antes do período Neolítico seria marcada por um amplo tempo livre para as pessoas, também dotadas de autonomia

e permeadas pela igualdade sexual com forte ethos de igualitarismo e comunidade com ausência de violência premeditada. Os caçadores-coletores rejeitam agressão coletiva e recusam a competição. Repartem os recursos, enaltecem a cooperação e são carinhosos com as crianças. Além disso, as pessoas de 2 milhões de anos atrás não destruíam a natureza e não faziam guerras. Por isso o primitivismo é tão inspirador para o pensamento de Zerzan. Serve também como respaldo para o ambientalismo.

O antropólogo Marshall Sahlins vê nas sociedades de caçadores-coletores uma ética de generosidade e humanidade. Segundo Sahlins (1974), os caçadores e coletores trabalhavam menos do que nós e que, mais do que um trabalho contínuo, a aquisição de alimentos era intermitente, deixando muito tempo para o ócio, o qual redundava numa proporção de sonho durante o dia per capita e por ano maior que em qualquer outra condição social.

Sem dúvida, para a formulação dessa hipótese é fundamental o trabalho de descoberta dos arqueólogos que apontam para uma inteligência parecida com a dos humanos de hoje, com a vantagem de viverem de forma pacífica, igualitária e saudável. É assim que Zerzan vê nessas descobertas a real possibilidade de uma alternativa primitivista emergir, a qual lhe possibilita alinhar John Zerzan como um dos utopistas de nossa época.

Zerzan destaca a abundância primitiva e a proximidade do modo de vida desses povos com a natureza. Sua intenção é chamar a atenção para o modo de vida desses povos para contrapor com o modo de vida das sociedades capitalistas modernas. Podemos fazer uma analogia com o termo “bom selvagem” criado por Rousseau. Afinal, Zerzan também enaltece o modo de vida no estado de natureza, antes do implemento da chamada “civilização” e o consequente dualismo que se formou a partir de então entre o “selvagem” e o “civilizado”. Zerzan toma como base para fundamentar o seu pensamento o texto clássico de Adorno e Horkheimer, “A Dialética do Esclarecimento”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Como exemplo dessa influência, cito uma passagem do texto de Adorno e Horkheimer: “Para a civilização, a vida no estado natural puro, a vida animal e vegetativa, constituía o perigo absoluto. Um após o outro, os comportamentos mimético, mítico e metafísico foram considerados como eras superadas, de tal sorte que a ideia de recair neles estava associada ao pavor de que o eu revertesse à mera natureza, da qual havia se alienado com esforço indizível e que por isso mesmo infundia nele indizível terror. A lembrança viva dos tempos pretéritos – do nomadismo e, com muito mais razão, dos estágios propriamente pré-patriarcais – fora extirpada da consciência dos homens ao longo dos milênios com as penas mais terríveis. O espírito esclarecido substituiu a roda e o fogo pelo estigma que imprimiu em toda irracionalidade, já que esta leva à ruína” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985:43).

O pensamento de Zerzan se assume como uma utopia para pensar uma outra realidade que não se apoia na perspectiva antropológica e ideológica do domínio da técnica ou da lógica psicológica do desejo ininterrupto proporcionado pelas sociedades de consumo. Retornarmos aos nossos sentidos é um imperativo antropológico fundamental.

Uma existência cada vez mais tecnológica, nos torna mais inertes e menos propensos a experimentar e interagir diretamente com as coisas. Como consequência, Zerzan alega que o indivíduo é transformado num espectador e o mundo num verdadeiro espetáculo cujo corpo tem a função de objeto ou modelo.

### **O ANARCOPRIMITIVISMO**

A anarquia implica numa rejeição a qualquer tipo de poder estabelecido por um governo com regras hierárquicas e também é contra a qualquer espécie de autoritarismo.

O anarcoprimitivismo de Zerzan parte de alguns pressupostos básicos. A identificação de uma profunda crise em vários níveis, tais como: individual, social e ambiental impulsionada pelo capitalismo tecnológico. Faz a crítica a uma oposição fraca e faz a defesa da anarquia como a única oposição radical à ordem dominante. Além disso, destaca o crescimento da militância anarquista e primitivista, cuja defesa consiste na abolição da divisão e domesticação do trabalho. Projeta uma comunidade não-hierárquica de face a face em que todo obstáculo seja removido com uma descentralização completa. O incentivo crescente à livre associação, autonomia, transparência, espontaneidade, comunhão com a Natureza, diversão, criatividade vistos como requisitos fundamentais para uma existência saudável e livre. Por fim, ao invés dos protestos, reformas, programas, etc., o anarcoprimitivismo propõe o rompimento gradativo e qualitativo com a máquina do sistema.

Zerzan, na sua utopia primitivista, ressalta que a imagem de que a vida antes da civilização era brutal, miserável e selvagem é uma imagem estereotipada e ideológica que aos poucos vai se desfazendo. Segundo Zerzan, antes da agricultura a humanidade teria existido em estado de graça, tranquilidade e efetiva comunhão com a natureza, muito difícil para o indivíduo contemporâneo imaginar, quanto mais compreender. Junto com a agricultura vieram o nascimento da divisão do trabalho, a hierarquia social e a destruição ambiental.

O fato é que nossos ancestrais viveram cerca de dois milhões de anos em harmonia com o meio ambiente e não como um poder externo exercido sobre ele. Nas sociedades de caçadores-coletores, por exemplo, não existia qualquer hierarquia entre a espécie humana e as outras espécies animais. Entretanto, na nossa civilização, essa hierarquia foi tão profunda que hoje vivemos a era do Antropoceno.<sup>4</sup> É como se Zerzan nos projetasse à experimentação de uma vida passada.

A hipótese de Zerzan é que a alienação progrediu lentamente até culminar na divisão sobre o trabalho e na simbolização. Zerzan cita o exemplo dos Mbuti<sup>5</sup> que nunca cultivaram vegetais ou domesticaram animais. Os Mbuti estão acostumados a esperar que as situações melhorem. Se a dificuldade de obter caça persiste, ou a doença não dá nenhum sinal de declínio, então o problema é da floresta. Eles acreditam que tudo o que têm de fazer é despertar a floresta, que é por natureza benevolente, para que seus problemas sejam resolvidos (ASHELEY-FARRAND, 2010). A Floresta é a Vida. A morte acontece porque a Floresta adormeceu e por isso é necessário despertá-la a fim de que continue a ser pródiga em alimentos, saúde, felicidade, compreensão e harmonia social para todos os mbuti, qualquer que seja o bando a qual pertençam (RODRIGUES, 2006). Segundo Godelier (1973), para os Mbuti a floresta é uma realidade amigável, sentem-se seguros nela. Os Mbuti, nômades, caçadores, vêm a floresta como sua casa. Ela é o conjunto de todos os seres animados e inanimados.

Ao contrário do que se pensa, esse movimento não pretende desenvolver uma nova ideologia e perpetuar uma visão de mundo única. Além disso, nem todos anarquistas verdes são contra a civilização. No entanto, construir uma civilização “mais verde” ou “mais justa” são apenas paliativos ou discurso de retórica. A mudança tem que ser radical, para outra direção. Rumo a um mundo descentralizado.

---

<sup>4</sup> Antropoceno é um termo formulado por Paul Crutzen, Prêmio Nobel de Química de 1995. O prefixo grego “antropo” significa humano; e o sufixo “ceno” denota as eras geológicas. Impressionado com a intensidade da moderna escala de destruição do meio ambiente, concebeu a possibilidade desta era geológica, na qual o extermínio do ecossistema, desencadeado pela ação irracional do Homem, se torna cada vez mais frequente. Esse conceito sugere que a sociedade é a nova força geológica a transformar o planeta, levando-o a se tornar irreconhecível, especialmente devido à queima de quantidades espantosas de carvão, petróleo e gás natural.

<sup>5</sup> A etnia Mbuti tem a característica de possuir menor estatura do mundo. Vivem principalmente dentro da selva em pequenos grupos dedicados a caça e a coleta de outros alimentos. Vivem paz consigo mesmo e em harmonia com o seu entorno. São tribos pacíficas. A selva representa sua principal fonte de somente alimento material e espiritual.

Para os anarquistas verdes, a civilização é vista como detentora dos aparatos lógicos, institucionais e físicos da domesticação, controle e dominação. Essa estrutura é que dá a base para a opressão sobre os indivíduos e é isso que precisa ser desmontado. Enquanto os marxistas focam seus esforços na crítica ao Estado burguês e capitalista, os anarquistas verdes, como Zerzan, direcionam suas críticas para o modelo civilizacional. A civilização iniciou a guerra, a subjugação da mulher, o crescimento populacional, o trabalho forçado, os conceitos de propriedade, hierarquias, e praticamente todas as doenças conhecidas, por isso é muito difícil acreditar que ela possa ser reformada.

Zerzan cita vários atos de protesto e projetos alternativos de oposição tais como: motins anti-governo; ações diretas de apoio à libertação animal ou para proteger a terra; esforços concentrados para resistir à construção de barragens, autoestradas, instalações industriais; revoltas em prisões; focos espontâneos de vandalismo por pessoas fartas ou entediadas; greves sem autorização sindical; a energia de inúmeros infoshops, zines, acampamentos primitivos, escolas e encontros; grupos radicais de leitura, o “Food Not Bombs”, etc.

Por isso, entende que o caminho hoje é a anarquia no sentido da paixão e da criatividade, muito mais do que as ideologias de esquerda comunistas ou socialistas. Zerzan não se refere ao anarquismo tradicional ou clássico, mas sim à anarquia como uma ideologia aberta. O anarquismo, segundo Zerzan, ainda não conseguiu se desvencilhar do capital e da tecnologia, além de aceitar a divisão do trabalho e a domesticação. O anarquismo serve como um ponto importante de referência histórica mas ele se tornou fixo, sistemático e ideológico.

A anarquia tem muito a ver com aqueles que se consideram anarquistas e defendem algo que está sempre fluindo e que não está solidificado. A percepção anarquista vai de encontro a visões multifacetadas de libertação pessoal e coletiva e que está sempre em aberto para novas experimentações. Não significa criar regras para viver e seguir. É uma utopia que está sempre em aberto e que questiona todo tipo de dominação que impeça essa liberdade do bem viver conectada com os desejos.

Ao contrário do anarquismo tradicional que defende a existência das fábricas autogestionadas pelos trabalhadores, o movimento proposto por Zerzan quer um mundo sem fábricas. Sua perspectiva primitivista vai de encontro ao pensamento e sabedoria indígena e na existência das comunidades face a face que combata a globalização, a sociedade de massa e o mundo tecnificado. Se

pensarmos por exemplo a ciência sob o ponto de vista indígena e não sob o ponto de vista cartesiano que objetiviza a realidade veríamos a ciência de uma outra maneira, que aprende a realidade direta e cotidiana com a natureza. É por isso que para Zerzan, assim como a tecnologia, a ciência também não tem qualquer neutralidade.

Zerzan critica os adeptos das ideologias de esquerda que ainda não conseguiram abandonar o que ele entende como alternativa agonizante e desacreditada. Como exemplo ressalta sua crítica às obras recentes de Michael Hardt e Antonio Negri<sup>6</sup>, os quais considera sem entendimento da crise que nos envolve atualmente. A procura de “alternativas na modernidade” por parte desses pensadores de esquerda são um grande equívoco para Zerzan, pois não conseguem tirar o foco do producionismo marxista que ignora a destruição das culturas indígenas e do mundo natural, além do constante processo de desumanização. O marxismo é o eterno refúgio para aqueles que criticam a realidade, mas para Zerzan o marxismo deixou de ser uma visão inspiradora desde o fim da I Guerra Mundial.

Como estratégia política, Zerzan diz que os danos conscientes à propriedade ou mesmo a destruição da propriedade é necessário. Isso quebraria com a lógica da política “usual”. Para ele, nada adianta segurar faixas de protesto como de costume. As pessoas não prestam atenção nesses movimentos, exceto quando lutam, porque aí deixa de ser um jogo simbólico e passa a ser real. Para Zerzan, infelizmente as manifestações pacíficas de protestos não têm resultados. Nesse sentido, as propriedades corporativas é que devem ser os principais alvos, tais como: bancos, lojas de grife, redes de fast food, etc.

Não entende dano à propriedade como violência, já que uma janela ou prédio não podem ser violentados. Isto não pode ser considerado violência a menos que esteja advogando ataques individuais, o que não é o caso na metodologia dos movimentos reivindicatórios propostos por Zerzan.

A esquerda, segundo Zerzan, tem uma visão limitada porque não consegue questionar a fundo a produção em massa e a tecnofilia. O foco principal se quer de fato uma mudança é a procura por novas alternativas para se viver cujas expressões “autonomia” e “re-conexão com a terra” devem estar na linha de frente de qualquer reflexão.

---

<sup>6</sup> Michael Hardt e Antonio Negri escreveram livros importantes no início do século XX tais como *Império* e *Multidão*. Em *Império* os autores discutem a nova ordem política da globalização e *Multidão* é uma tentativa de nomear e compreender as condições que envolvem a dinâmica social do século XXI.

## **ANTI-CIVILIZAÇÃO**

Zerzan rejeita todas as características da civilização humana: linguagem, matemática, divisão do trabalho, especialização e tecnologia. Chama a atenção para o crescimento das correntes de pensamento associadas à anti-civilização para fazer frente às crises psíquicas contemporâneas, como já havia sido prognosticado por Freud em “O Mal-Estar da Civilização”. Nesse sentido, a vida simbólica contemporânea acaba por se transformar como elemento vital de crítica dessas correntes.

Vivemos uma efervescência do mundo imagético e simbólico, mas são imagens com alto poder de persuasão e que comandam a vida das pessoas. O mundo da imagem hoje faz o trabalho ideológico daquilo que Adorno e Horkheimer chamam de razão instrumental.

Quando ele fala de civilização remete à ideia de que temos hoje um único modelo civilizacional, uma máquina global de domesticação que desencanta e instrumentaliza o mundo natural não-cultural. Entramos num estado de emergência mundial.

O conjunto de símbolos representa a ordem social e o lugar do indivíduo nele. O objetivo de Zerzan é mostrar como o símbolo sempre foi uma referência em todas as culturas e sua importância para o tornar-se humano, mas como ele se torna um imperativo ideológico em tempos de exacerbação das imagens. Como eles são construídos e manipulam a psique e o comportamento humano ao trazer a domesticação e alienação da existência afastada dos sentidos mais humanos. Freud e depois Marcuse já haviam apontado como a civilização estabelece mecanismos de controle dos prazeres dos sentidos.

Na sua concepção, somente a rejeição da cultura simbólica pode representar um desafio suficientemente profundo ao que é a parte central daquela cultura. A cultura simbólica exige que rejeitemos a nossa “natureza animal” em prol de uma “natureza humana” simbolicamente definida. Ela aprisiona a nossa percepção através de símbolos formais e informais. Nossa relação com o mundo é dada através das lentes da representação simbólica. O que os anarcoprimitivistas alegam é que o modo simbólico de expressão é limitado, e sua dependência leva à objetivação, alienação e a uma cegueira da percepção.

Também a cultura, mais ou menos desenvolvida, é a mesma prisão de consciência, o simbólico como agente repressivo. Decreta dentro de nós a morte da natureza. O vazio da cultura faz Zerzan pensar no entusiasmo pelo primitivo e também pelo processo de desaprendizagem para alcançar a utopia desejada de uma vida livre de qualquer domesticação inclusive aquela proporcionada pelo mito da cultura.

A divisão do trabalho é, para Zerzan, outro elemento subjacente ao modelo de vida humana desagregador e alienante. Trata-se de um dos principais fatores para o surgimento da civilização tal qual a conhecemos. Essa divisão apenas se sofisticou cada vez mais a ponto de estrangular as nossas potencialidades mais criativas e naturais.

O tripé crítico de Zerzan é o trabalho degradante, o consumismo desenfreado e as futilidades incentivadas pelas dependências tecnológicas. Ao mesmo tempo em que assistimos a ruína da Natureza assistimos a ruína da nossa própria natureza.

A lógica do trabalho e consumo se impõe a todas as partes do planeta. Como contraponto, Zerzan adverte que tem que haver mais trabalhos anti-tecnológicos, e mesmo anti-civilização disponíveis ao público. O desejo de consumo é, na sua visão, aterrorizador. A liberdade de escolher entre as marcas disponíveis no mercado é entendida como a essência do ser humano livre e autônomo hoje. Constante trabalho e constante consumo é típico de um modo de vida esquizofrênico que destrói tudo. Desta forma, esse sistema com base no incentivo no consumo nada mais é do que uma forma sofisticada de coerção social. Cria-se um mundo de coisas pelas quais ditam a significância da nossa existência ao longo dos anos. É essa lógica que deve ser detida e destruída segundo Zerzan.

O tempo é cada vez mais uma outra manifestação chave da alienação e da humilhação que caracterizam a existência moderna de nossa civilização. Um mundo cada vez mais reificado faz com que nos adaptemos a uma espécie de sentido e aceitação do tempo que nos é imposto e que cria um novo modelo de dominação. Para Zerzan, o tempo é uma construção simbólica anterior a todas as demais. Numa época em que não existia o tempo cronometrado, a vida tinha um ritmo ao invés de uma progressão. A natureza se encarregava de fornecer os sinais necessários para o humano. No entanto, com as transformações da relação do homem com a natureza, há uma simbolização progressiva que faz com que o tempo se internalize em muitas culturas humanas até ao ponto em que ele seja um verdadeiro carrasco. Novos

conteúdos simbólicos poderosos elegem o que seja “perda” ou “ganho” de tempo caracterizando comportamentos e atitudes dentro de um campo simbólico valorativo. O tempo ganha uma objetivação crescente em nossa civilização aprofundada sobretudo com a especialização e a tecnologia, tornando-se assim um grande castrador e incentivador da alienação.

A Revolução Científica proporcionou que o tempo pudesse ser matematicamente divisível e necessário para a conquista da natureza e justificativa para a introdução da tecnologia moderna em todos os segmentos da existência humana. O tempo numérico ganha um poder extraordinário e relega a experiência humana não quantificável para um plano completamente secundário. Abre-se assim o campo para o advento fecundo de um sistema econômico capitalista que possa deter o tempo como uma das diretrizes básicas para o bom funcionamento de dominação imposto pelo sistema. Junto com esse domínio veio todo um conjunto de referências simbólicas que expressam a consciência do tempo.

Zerzan aponta como contraste a vida do não civilizado cujo presente sob a qual a vida é vivida não se reduz a um simples momento do presente matemático. Para os não-domesticados só o presente pode ser total. Os povos primitivos não têm necessidade de recordação e pouco desejo de dominar o futuro, já que o desconhecem.

A invenção do relógio mecânico trouxe consigo grandes oportunidades para a opressão que viria a seguir. Por outro lado, deu suporte para a consciência crítica e revolucionária sobretudo por meio da consciência do tempo histórico. O tempo ganhou um forte componente de análise social ao permitir sua medição a partir de um campo simbólico em que podíamos comparar o tempo dos reis, monarcas, etc., com o tempo dos servos e outros subalternos. O mesmo acontece até hoje quando quantificamos o tempo das diversas camadas e classes sociais a partir de seu uso simbólico. Valorizamos o tempo de acordo com uma época em que ainda vale o imperativo de que “tempo é dinheiro”. Diante desse domínio, Zerzan cita o exemplo do caso de Rousseau no qual no ano de 1749 teria jogado fora seu relógio. Zerzan interpreta seu gesto como uma rejeição simbólica da ciência e civilização modernas. Mas o fato é que os relógios acabaram por tornar-se um dos principais produtos da era industrial e moderna.

Stress, solidão, depressão, tédio e a loucura do cotidiano são marcas de nosso tempo. Zerzan é cético quanto à nossa época. Identifica que os níveis de tristeza aumentam cada vez mais. A alegria proporcionada pela sociedade

tecnológica, não passa de um maior campo de alienação geradora de mais ansiedade. Para justificar esse pensamento um tanto quanto pessimista, chama a atenção para o alerta feito pelos epidemiologistas de saúde mental para os quais não mais de vinte por cento de nós estão livres de sintomas psicopatológicos. Assim, estaríamos marcados pelo crônico empobrecimento psíquico de uma sociedade qualitativamente insalubre. Tranquilizantes e antidepressivos são os medicamentos mais amplamente prescritos no mundo, trazem recordes de vendas. O alívio temporário é uma estratégia ainda melhor para o estímulo viciante.

A utopia de Zerzan traz a pergunta se seria possível acabarmos com o tempo, tal qual o construímos, principalmente diante de uma existência vazia, coisificada e tecnicada como a nossa. Como fazer para que nossas vidas possam voltar a ser vividas completa e intensamente sem a ditadura do tempo? Em primeiro lugar necessitamos nos conscientizar que o tempo é socialmente construído. Uma dimensão fabricada que se legitima sob os auspícios da cultura. O próprio ritual, segundo Zerzan, nada mais é do que uma tentativa, por intermédio do simbolismo, de se resgatar uma existência sem tempo. Nos rituais o tempo fica em suspenso, mas nas sociedades contemporâneas ele é efêmero e incapaz de trazer à tona a transcendência necessária, embora seja eficaz em termos de satisfação psíquica momentânea.

O calendário foi o primeiro artefato simbólico que regulou a conduta social medindo o passo do tempo. A partir dele a objetivação de dominação cresceu de tal forma que hoje temos a falsa sensação de domínio de tempo sem percebermos que na verdade sofremos um processo claustrofóbico de estrangulamento pessoal e individual sob a sua tirania e intransigência. É assim que vagamente acusamos que o “tempo é cruel”. Na verdade, cruel é a própria humanidade que criou tal abstração.

Outro aspecto crítico na concepção de Zerzan é que a civilização além da dominação sobre a natureza, também é caracterizada como patriarcal e exerce um forte domínio sobre a mulher. Aponta que se a civilização tivesse sido conduzida pelas mulheres talvez o rumo tomado fosse completamente diferente, desacelerado, com mais tranquilidade, sem a avalanche do progresso e desenvolvimento material e estaríamos mais conectados com a natureza. O que vemos ao longo da história mais recente é que tanto a mulher como a natureza foram amplamente desvalorizados pelo paradigma dominante. Muitos estudos de antropólogos e arqueólogos mostram o caráter igualitário da relação entre homens e mulheres nas sociedades pré-civilizadas.

O papel social da mulher começou a mudar na transição do médio para o paleolítico superior. O sistema de gêneros e a divisão sexual do trabalho a partir de então só fez aumentar o fosso de desigualdade entre os sexos criando novas relações simbólicas que legitimam as diferenças e desigualdades sociais. A dualidades entre os sexos foi crescente e reforça a sociedade dividida. Com o advento da agricultura, mulheres, assim como as plantas e os animais foram domesticados. Segundo Zerzan,

A cultura que se estabeleceu pela instauração da nova ordem exigia a submissão autoritária dos instintos, da liberdade e a sexualidade. Toda desordem tem que ser banida, o que é mais elementar e espontâneo precisa estar controlado firmemente na palma da mão. A criatividade das mulheres e o seu ser como pessoas sexuais são pressionadas para dar lugar ao papel, expressado em todas as religiões camponesas, da Grande mãe, isto é, a reprodutora fértil de homens e de alimentos. (ZERZAN, 1999:29)

O que vemos é um crescimento simultâneo da cultura simbólica e da vida dividida em gênero. A agricultura e a domesticação de animais só fizeram por acirrar ainda mais esse processo. Para Zerzan, nada na natureza pode explicar a divisão sexual do trabalho. Até mesmo instituições como o casamento foram impostos sobre a mulher por meio da coerção. A passagem do selvagem para o cultural é representada pelo domicílio. A domesticação da mulher acaba por sinalizar a domesticação da vida no futuro e o fortalecimento da dicotomia trabalho e não-trabalho com o desprestígio nesse campo simbólico para o “não-trabalho” doméstico da mulher em relação ao homem. A mulher, assim como a natureza, é associada à passividade, como produtos a serviço da civilização. A mulher e a terra é sujeito a todo tipo de dominação.

Zerzan acrescenta a perda do silêncio na civilização contemporânea. Civilização é sinônimo de barulho e o silêncio causa desconforto. Consequentemente, a ausência de silêncio provoca um arrefecimento do pensamento crítico e da capacidade de sentir as experiências. Zerzan não se refere ao silêncio provocado pelo medo, mas ao silêncio contemplativo que eleva o ser. A natureza é preenchida com silêncios. Por isso o silêncio pode ser entendido como uma espécie de conexão com a natureza. Hoje vivemos uma ditadura do barulho e do som semelhante à ditadura da felicidade. Quando alguém está em silêncio causa um incômodo desconfortante. Logo precisamos ouvir as outras pessoas para que possamos nos sentir seguros. A autonomia e a imaginação são alimentadas pelo silêncio, mas o imperativo da cultura de massa impede que isso se realize. Além

disso, o silêncio induz a estarmos com nós mesmos longe das avalanches barulhenta da sociedade da informação. Não se trata de um silêncio alienante, mas de um silêncio meditativo que proporciona o necessário equilíbrio mental por meio da desaceleração do tempo. Zerzan destaca que as mais profundas paixões humanas são nutridas de modo silencioso e intenso.

Segundo Zerzan, o principal legado da civilização é a guerra. O progresso da civilização é também a história do desenvolvimento das guerras. A visão pessimista hobbesiana “*da guerra de todos contra todos*” como parte intrínseca de nossa natureza humana não se sustenta quando as evidências arqueológicas demonstram a existência de muitos povos caçadores-coletores não-belicosos. Batalhas, conflitos e confrontos são quase que inexistentes nos relatos sobre as sociedades de caçadores-coletores.

A partir da agricultura, há uma crescente luta por novas terras a serem exploradas o que leva ao seu reconhecimento como a principal causa da guerra no desenvolvimento da civilização. A partir de então se constrói a maior guerra quase que intermitente, ou seja, a guerra do humano com a natureza. O controle sobre a natureza e sobre a terra passa a ser o caráter simbólico mais representativo. Intensificar a agricultura significa intensificar a guerra. Zerzan cita como exemplo clássico desse processo os jívaros da Amazônia<sup>7</sup> que durante milênios fizeram parte harmoniosa da comunidade biótica, adotaram a domesticação e elaboraram uma revanche de sangue e de guerra até o ponto de que estas atividades dão o tom de toda a sociedade.

As civilizações antigas foram todas criadas em função da guerra. Desde então, a lógica da guerra não sofreu grandes alterações. Toda uma simbologia a partir de então foi criada a partir dessa lógica que serve apenas para desencadear novas animosidades entre os povos e preservar ressentimentos intermináveis.

## **UTOPIA E FUTURO PRIMITIVO**

John Zerzan criou o termo “Futuro Primitivo” com o intuito de sintetizar técnicas e ideias primitivas juntamente com conceitos e motivações anarquistas.

---

<sup>7</sup> Os jívaros são um povo indígena (ou nativo americano) do alto rio Amazonas. Vivem na Montaña (a vertente oriental da cadeia de montanhas dos Andes), parte da Amazônia que fica no Equador e no Peru, ao norte do rio Marañón. Sua língua se chama aguaruna. Nenhum censo recente e acurado foi feito sobre esse povo, mas calcula-se que restavam entre 15 mil e 50 mil indivíduos no início do século XXI.

Seu objetivo é mostrar como situações descentralizadas saudáveis, sustentáveis e igualitárias podem ser aplicadas sem cunho ideológico e no sentido de levar ao processo de des-civilização.

Zerzan anseia por uma reconstrução da sociedade baseada nos modelos de vida primitivos das sociedades de caçadores-coletores na busca por um modo de vida não-alienado. Na visão de Zerzan a vida de caçador-coletor foi a mais bem sucedida adaptação do ser humano à natureza em que havia o maior império da igualdade. Isso, de fato, pode ser inspirador apesar da vida de nossos antepassados nunca ter sido suficientemente divulgada e informada para nós, o que traz um imenso desconhecido e um imaginário bastante estereotipado. O retorno a um estado primitivo literal é o desejado.

Para que tal utopia se realize, propõe nada mais nada menos do que a destruição da tecnologia. Esta para Zerzan está a serviço de uma elite e de uma estrutura de poder que aliena, produz domesticação de pensamento, além de uma forte imposição ideológica e simbólica. A utopia primitivista tem por maior ambição a reconciliação das tensões entre humanos e o mundo natural.

A utopia de Zerzan aposta num projeto de desmantelamento de todas as coisas relacionadas à sociedade de consumo e de todas as coisas que se apoiam na destruição da natureza e que nos separam desta. As promessas de conforto e bem-estar material são vazias de conteúdo.

Nesse novo mundo utópico de Zerzan, as pessoas poderiam ter de volta a sua própria cultura. Nós teríamos um novo conjunto de valores. Uma mudança de paradigmas. Uma grande transformação do mundo global onde as pessoas se rebelassem contra as imposições do mercado, os modismos do consumo, a alimentação industrializada e clamassem definitivamente por uma vida simples e satisfatória. O futuro primitivo proposto por Zerzan abraça o espírito e a sua realidade baseada na Terra num verdadeiro processo de cura a partir do abandono completo da vida industrial.

O anarcoprimitivismo é para Zerzan a antiglobalização. Como ele pode ser uma ferramenta de resistência aos efeitos nefastos da globalização?

“Definir” um mundo desalienado seria impossível, inclusive indesejável, mas podemos e devemos tentar desmascarar o não-mundo de hoje em dia e como chegamos a ele. Temos tomado um caminho monstruosamente errado com a cultura simbólica e a divisão do trabalho, de um lugar de entendimento, encanto, compreensão e totalidade para a ausência que nos encontramos, no coração da doutrina do progresso. Vazia e cada vez mais vazia, as lógicas da domesticação, com suas exigências de total dominação, nos mostram a ruína de uma civilização

que arruína todo o resto. Presumir a inferioridade da natureza favorece a dominação de sistemas culturais que logo tornarão a Terra um lugar inabitável. (ZERZAN, 1999:33-34).

A lista dos mecanismos de domesticação do processo de civilização é interminável, inclui quase todas as interações sociais civilizadas. A paisagem domesticada colocou fim a livre divisão dos recursos que antes existiam e eram partilhados onde “tudo era de todos”. A propriedade e o poder que emergiriam a partir daí criam uma ordem totalitária e escraviza as espécies domesticando tudo a seu redor.

São claras as evidências de que a passagem de uma vida nômade-coletora para uma vida domesticada não se deu de forma autônoma, mas muitas vezes com o uso da força e das armas. Trata-se de uma força colonizadora da vida, causa do crescimento gradativo de várias patologias tanto sociais, quanto biológicas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em linhas gerais, a postura primitivista de Zerzan enquanto crítica da sociedade contemporânea indica a falta de exploração do mundo dos sentimentos humanos e a cegueira humana diante da absurda rapidez do progresso, o qual promove um real afastamento de nós mesmos.

Segundo Derrick Jensen (2006) essa cultura está destruindo o planeta. Jensen ridiculariza a ideia de que haverá uma mudança voluntária que resolva o problema. Essa cultura subjugou toda e qualquer outra cultura encontrada e é por isso que para Jensen a tecnologia mais maligna é a própria cultura. É totalmente cético na possibilidade que haja um despertar em massa e de forma voluntária perante a crise civilizacional.

Zerzan se alinha a essa interpretação da cultura destrutiva, mas é muito mais esperançoso, por isso um utopista. Pensa que quando as pessoas enxergarem o que está acontecendo de fato não é tão improvável que percebam os resultados negativos desse processo em todas as esferas. Seria mais irracional pensar que as pessoas não estarão aptas a confrontarem isso e chegarem à conclusão que não vale mais a pena seguir o caminho suicida da civilização e tecnologia. Para Zerzan não há espaço para pensar que nunca haverá uma mudança de consciência nas pessoas.

Em primeiro lugar, o filósofo anarcoprimitivista demonstra que as pessoas precisam saber que as tecnologias verdes não são sustentáveis. É preciso começar a questionar toda a produção em massa, toda a massificação e toda a fundação da cultura tecnológica. Do mesmo modo as pessoas precisam sair da posição passiva e começar a se ver como parte de uma solução ativa.

Para Zerzan, nós temos que nos preparar para viver de uma forma diferente. Temos que começar a pensar sobre questões fundamentais e urgentes. O que nós vamos comer? Como vamos viver? E todo o resto. Sair da instantaneidade, da qual nos fala o sociólogo Zygmunt Bauman (2001), para poder voltar a pensar as grandes questões.

Para os críticos dos críticos da civilização é impossível voltarmos no tempo e vivermos próximos ao estado de natureza, principalmente nessa perspectiva primitivista do filósofo John Zerzan. No entanto, o que nos interessava nesse artigo não era debater a viabilidade ou não de tal empreitada, mas ressaltar a importância do pensamento utópico e da utopia como proposta transgressora de uma dada realidade social e civilizacional.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.
- ASHELEY-FARRAND, Thomas. **Mantras que Curam**. São Paul: Editora Pensamento, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GODELIER, M. **Horizontes da Antropologia**. Lisboa: Ed.70, 1973.
- JENSEN, Derrick. **The end of civilization; vol. 2: Resistance**. New York: A Seven Stories Press First Edition, 2006.
- PINSKY, Jaime. **As primeiras civilizações**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 34-38.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.
- SAHLINS, Marshall. **Economia de la Edad de Piedra**. Madrid: Akal Editor, 1974.
- ZERZAN, John. **Futuro Primitivo**. [S.l.]: Sabotagem, 1999. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/2230629/John-Zerzan-Futuro-Primitivo>> Acesso em: 14 Jun 2016
- \_\_\_\_\_, John. **Por que Primitivismo?**, 2002. Disponível em <https://contraciv.noblogs.org/files/2016/06/Por-que-primitivismo.pdf>. Acesso em: 08 Jul 2016